



# Roteiros

20. Boletim Informativo do Instituto Dom João de Castro

PAX ★ PAX ★ PAX

NATAL DE 1994

## UMA MENSAGEM PARA NATAL

por ADRIANO MOREIRA

No dia 10 de Setembro, João Paulo II iniciou a muito esperada visita à Croácia, e assim pela primeira vez na história, a martirizada terra dos Balcãs recebia um Papa. Não apenas a guerra, mas a memória histórica não consentiram que se deslocasse a Sarajevo, porque a primeira não ajuda os ortodoxos sérvios a mudarem a perspectiva que apoia a manipulação dos credos como pretexto de identidades separadas e divisão. Lutando visivelmente contra a debilidade resultante de uma saúde precária, e coerente com a Mensagem de Assis, especialmente formulada em 1986 e 1993, disse com humildade e perseverança, dirigindo-se ao Presidente croata, Tudjman: «Para acabar com a sangrenta guerra fratricida tentei todos os caminhos, bati a todas as portas.» E acrescentou em relação a Sarajevo, cujas portas não se abriam ao Pastor: «Era meu ardente desejo visitá-la como peregrino da paz e da esperança. Há tempo excessivo que a guerra flagela uma terra cujos habitan-

(continua nas págs. centrais)



*Paz na Família Humana  
e Glória a Deus  
nos Céus e na Terra*

# “LEMBRAR OS ALTOS INFANTES DA ÍNCLITA GERAÇÃO”

Celebramos este ano em 4 de Março, os 600 anos do nascimento do Infante D. Henrique o V.<sup>o</sup> filho da Inclita Geração e 1.<sup>o</sup> Duque de Vizeu, título ganho heroicamene na Conquista de Ceuta em 1416.

O Infante D. Henrique é uma figura emblemática que tem merecido nestes últimos anos a atenção e o estudo aprofundado, não apenas dos investigadores da área documental e histórica, mas também dos pensadores da Ciência Política por descobrirem nele o homem que ultrapassando as lendas e mitos que ensombrevam o Atlântico, abriu os caminhos não apenas ao comércio, quanto ao relacionamento com os novos povos, etnias, culturas, civilizações e religiões com as quais era necessário criar laços de intercomunicação.

Essa política abriu a Portugal grandes espaços de relacionamento fazendo desta faixa atlântica as “Portas de Europa, e de Lisboa o Centro do Mundo” de então e dando à Igreja as possibilidades de se expandir por todo o mundo convertendo-a de facto em ecuménica e Católica.

O facto do Infante ser Grão Mestre da Ordem de Cristo muito facilitou à execução de todos esses projectos.

O Infante de Sagres não é apenas uma figura nacional, ultrapassou no seu tempo as barreiras das fronteiras

fazendo-se dele uma figura ímpar, que abriu à Europa e à Igreja novos caminhos para a descoberta de “Novos Mundos”.

O Infante D. Henriques ocupa legitimamente um pedestal dos mais altos da História de seu tempo.

A “Monumenta Heriquina” é um pedestal que situa o Infante entre as grandes figuras da Humanidade, e não tanto pelo que fez, quanto pelos caminhos abertos por se fazer.

Os Lusíadas não existiriam se a figura de D. Infante não tivesse cumprido com a Missão Histórica, que a Divina Providência lhe encomendou e à qual Ele foi fiel.

O muito e bom que estes anos se tem publicado em Portugal e noutras nações, prova que a figura do Infante é uma figura universal.

Por estas e outras muitas razões estamos celebrando este ano dando graças a Deus pelo seu nascimento em 4 de Março de 1394.

Publicamos neste número de Roteiros a carta de Poggio Bracciolini dirigida ao Infante, louvando-o e estimulando-o a continuar a sua obra da descoberta da Costa Africana e do Oceano Atlântico.

Pe. Aguiar

## ALL'ANNO 1992

*Dall'Altura,  
sul precario equilibrio dei flutti,  
l'Arca si posa.*

*Guarda l'offuscato orizzonte,  
guardo al cammino del Sole.*

*Corvi e colombe, sui nemi  
disegnano arabeschi di voli.*

*Son forse oscuri presagi,  
o fatue speranze  
di ripopolare la Terra  
con Anime scampate al Diluvio.*

*Che torni soltanto  
la colomba foriera di Pace.*

*Ogni umana Creatura  
potrebbe esserne l'Arca.*

Aurelia Bernucci Attili, 1991

## GERTAL ESCOLAR ALIMENTA O FUTURO



**gertal**

### Gestão de Qualidade

O equilíbrio alimentar é uma condição necessária do bom desenvolvimento da criança e do adolescente. Os profissionais da GERTAL, apoiados por uma seleção de uma formação rigorosa e por uma vasta experiência em inúmeras instituições escolares, asseguram-lhes uma relação de confiança e um Serviço de Qualidade. Por isso os Alunos, os Professores e os Auxiliares Educativos usufruem do prazer de uma refeição esmerada com base em produtos rigorosamente seleccionados.

1580A - Av. Maria Sofia, 25-12.<sup>o</sup> Esq. - Telef. 01 07 34 - Telex 13737 Gertal F Lisboa - 1500 Lisboa  
10170 - Rua Gonçalo Sampaio, 165 - Telef. 06 99 03 - Telex 23420 Gertal F Porto - 4100 Porto

# A ALMA DE DEUS

A Ana, que é minha sobrinha, pergunta à mãe se podia ir brincar lá para fora. A Nela respondeu-lhe que não, que ia chover. E porque é que vai chover?. Porque o homem da televisão disse que vinham aí nuvens. E porque é que vêm aí nuvens? Porque os satélites tiram fotografias à terra e os senhores sabem onde estão as nuvens. E quem é que pôs lá as nuvens. Ah!, diz-lhe a mãe, isso foi Deus. A conversa costuma acabar aqui.

Para muitos de nós, começa. É que a ciência é a procura para a invenção ou para a descoberta do pensamento sagrado de Deus.

A primeira grande descoberta foi feita há biliões de anos num local distante de outros biliões de anos luz.

As partículas  $W^+$ ,  $Z_0$ , etc., descobriram, existia o Universo há  $10^{35}$  s., que "duas coisas não podem ocupar o mesmo local no mesmo instante". Esta é a primeira grande descoberta.

Para se comportarem de acordo com esta lei, que acabavam de descobrir, as partículas iniciaram a sua dispersão. E ao caminharem inventaram a distância e com ela geraram o espaço e também, porque o tempo é espaço que caminha, o tempo.

E as partículas que criaram o espaço e o tempo começaram, então, a experiência de se juntarem.

Ao descobrirem que a sua caminhada no espaço e no tempo podia ser realizada, não individualmente, mas constituindo agregados, as partículas inventaram a **sociedade das partículas**.

E a sociedade das partículas organizou-se em electrões, prótons, neutrões, fótons e foi crescendo em complexidade até descobrir o átomo e fazer o hidrogénio e o hélio. Com eles inventou as estrelas e as galáxias. E a partir destas grandes construções geraram-se sociedades de partículas cada vez mais complexas.

Nas estrelas, que os primeiros átomos tinham criado, são inventados agregados de partículas cada vez mais complexos, são agregados os átomos do quadro de Mendleyev e, como grande máquina, são construídos os planetas. Mas a invenção que é o átomo encontra o seu limite no número de partículas que consegue incluir na sua sociedade sem que esta se desagregue, tenha uma vida efémera porque se cinde.

E nos planetas, a sociedade das partículas inventou a linha do horizonte e a direcção da gravidade que lhe é perpendicular. Ao fazê-lo, fixou o modo de os átomos se disporem no espaço e no tempo para os preencherem completamente. E a sociedade das partículas descobriu as simetrias binária, ternária, quaternária e senária para as sociedades de partículas com o estatuto de sociedade cristalina.

Foi neste ambiente, durante muitos milhões de anos, quicá, em lugares separados por milhões de anos luz, que a sociedade das partículas nos locais onde a sua complexidade tinha atingido o máximo de capacidade, i.e., nos planetas, iniciou o processo experimental, se se quisser, começou o projecto de estudar se não poderia haver outro tipo de estatuto, menos limitativo que o cristalino, para criar sociedades de partículas.

A sociedade das partículas descobriu que alguns dos seus membros, os átomos de carbono, silício, azoto, oxigénio e hidrogénio, tinham uma grande vocação para

conviverem. E, com estes átomos, a sociedade das partículas descobriu um outro tipo de estatuto e criou as moléculas orgânicas. Com a invenção das moléculas orgânicas, a sociedade das partículas tinha construído um estatuto para uma sua sociedade que não limitava o número dos seus membros pelo tamanho, antes permitia o acréscimo sucessivo, sem limitações ditadas pelo espaço e pelo tempo, do número de átomos membros da sociedade.

E as moléculas orgânicas que vagueavam individualmente, na sopa primordial, nos oceanos da sociedade das partículas encontram-se muito raramente, só de quando em vez, mas quando o fazem sentem que podem constituir uma nova sociedade. É, assim que, na socie-



dade das partículas nasce o projecto para a descoberta de um novo conceito para acrescentar à realidade: a **sociedade das moléculas orgânicas**.

A grande descoberta da sociedade das moléculas é a vida. Aliadas numa célula, as moléculas orgânicas iniciaram a vida no planeta.

A exploração dessa descoberta originou tecidos orgânicos, e a ambição instalou-se na sociedade das moléculas. E de invenção em invenção os agregados de moléculas orgânicas foram gerando seres biológicos

cada vez mais complexos até construírem o Homo Sapiens Sapiens.

Pelo caminho ficaram as grandes descobertas das espécies biológicas e a construção de uma sociedade muito especializada, a **Sociedade de neurónios**. Esta sociedade é uma especialização notável da sociedade das moléculas. É a sociedade que gera a consciência do ser individual em cada um de nós.

Foi com esta sociedade neural que se descobriu o Império. De facto, o cérebro que se interroga sobre o que é a descoberta, que pensa, é de tal maneira um império que em circunstâncias extremas pode ordenar a sua própria destruição e faz, em cada um de nós, a descoberta de sermos seres individuais.

Mas os seres individuais cercados pela sua parede, e é ainda na pele que reside a maior parte dos prazeres da vida, são sós. São limitados no que podem fazer e no que podem conseguir. E, então, descobrirem o amor.

E com essa descoberta fizeram a **sociedade dos indivíduos**.

A primeira descoberta da sociedade dos indivíduos é a possibilidade de ocupação do espaço e do tempo. E para que perdure no tempo, as pessoas, em primeiro lugar, acreditam que são eternas e em segundo lugar que a forma de permanecerem no tempo e marcarem a sua passagem por um local é através da descoberta da representação da sua sociedade pela arte e pela arte de contar. Descobre, assim, a palavra, e com ela, a religião, descobre novas formas de linguagem e cria a arte, descobre o número, quer conhecer o futuro, e por esta forma chega à ciência.

Mas a ambição da sociedade dos indivíduos é a de ocupar cada vez mais espaço e cada vez mais tempo.



Para tal inventaram os caminhos. Mas por veredas não se vai tão longe assim.

E, na antiguidade clássica, os Gregos e certamente os Romanos descobriram as estradas terrestres. E com elas abarcaram mais espaço, permaneceram, ligando povos, centenas de anos. Mas durante milhares de anos, a sociedade dos indivíduos ficou limitada às estradas terrestres que tinha. Até que em 1394, e fará para o ano 600 Anos, o génio Português descobriu a existência das estradas marítimas. Com a descoberta das estradas marítimas a sociedade dos indivíduos ganhou mais espaço e encurtou mais o tempo, porque andava mais depressa.

E quando o piloto de Portugal que vai a bordo das naus de Vasco da Gama se encontra com o piloto de Moçamba e se mostram os riscos, que são os mapas que cada um tem, é, nesse momento, que a sociedade dos indivíduos faz a descoberta que o planeta que habita é um só. Nasceu, nesse dia, a aldeia global como designação para esta Terra.

Uma vez descoberta a limitação que a dimensão do planeta impõe à sociedade dos indivíduos ele descobre, no século XVII, que é capaz de saber, de prever o comportamento dos corpos celestes e, pela primeira vez, acredita que é capaz de escrever a história do futuro.

E o espaço e o tempo que quer já são os exteriores ao planeta. E, no século XIX, domina a energia e descobre o método de reprodução para as máquinas através da produção em série.

Com esta descoberta, a do domínio da energia, as estradas que ainda são as descobertas pelos portugueses passam a ser percorridas mais depressa. Mas, sobretudo com o domínio da energia, a sociedade de indivíduos deixou de acreditar que cada ser era eterno para passar a crer que era possível construir a máquina da felicidade na Terra. E cada vez construiu mais máquinas que se reproduziram. E algumas dessas máquinas permitiram-lhe comunicar à distância, pela voz e pela imagem, a partir do início do século XX.

Mas é pelos anos 40 deste século que os Americanos descobrem as estradas aéreas para que a comunicação seja mais global, presencial, indivíduo a indivíduo. A velocidade de deslocamento aumentou, e o tempo encurtou mais, e o espaço foi ainda mais ocupado, neste planeta, pela sociedade dos indivíduos.

No entanto, a sociedade dos indivíduos tinha aos poucos construído uma nova sociedade à qual só faltava o equivalente à sociedade neuronal. Ao ter dado às máquinas a possibilidade de se reproduzirem, ao acreditar que com elas ia construir o paraíso na Terra, a sociedade dos indivíduos descobriu no final dos anos 40, início dos 50, que podia construir uma máquina que aceitasse, tal como nós, linguagem. Descobriu o computador.

E em 1957 o génio Russo liberta a sociedade dos indivíduos do jogo que lhe é imposto pela sociedade das partículas, i.e., da atracção gravítica.

Gagarin, em 1961, voa liberto do seu peso e, com ele, a sociedade dos indivíduos inicia a sua expansão por mais espaço e mais tempo. E, em 1969, Neil Armstrong começa a colonização de outro planeta.

E a sociedade dos indivíduos nos anos 70, 80 e 90 deste século lançou satélites para que os seus membros comunicassem entre si. Ao fazê-lo, descobriu que podia,

também, ligar as máquinas de produção (que reproduzem outras máquinas), que as podia deixar, a si mesmas, comandadas, pelo equivalente à sociedade neuronal, o computador. No processo, a sociedade dos indivíduos verificou que já estava a coabitar o planeta com uma nova sociedade. **A sociedade das máquinas.**

Um computador no Alabama, via satélite, opera uma máquina que faz moldes na Marinha Grande sem intervenção humana. E outra máquina, presumivelmente um avião, leva-la-á até ao Japão.

As máquinas ligadas à escala global decidem dos valores das bolsas, prevêm os nossos comportamentos, treinam-nos para a vida e para a profissão, fazem-nos sonhar e criam a sua própria realidade que é a nossa realidade virtual. Mas é sobretudo através da sociedade das máquinas que declaramos o nosso amor, proclamamos as nossas guerras e, por vezes, prolongamos, quem sabe se desnecessariamente, a nossa vida.

Desde a descoberta do domínio da energia que a sociedade dos indivíduos sonhava e queria construir a



máquina da felicidade e desejava, por isso, dominar a sociedade das partículas, das moléculas orgânicas (seres vivos) e dos neurónios (psiche). Tinha já a certeza que, em simbiose com a sociedade das máquinas, ia pôr ao seu exclusivo serviço o conjunto de todas as outras sociedades, a quem também se chama natureza. Foi, então, que verificou que, se prosseguisse nessa senda, ela própria estava ameaçada de destruição.

É que, na cegueira da construção da célebre máquina da felicidade, do paraíso na Terra, a sociedade dos indivíduos e das máquinas descobriu que tinha gerado as quatro grandes ameaças planetárias: a pressão ambiental; a disseminação dos sistemas de armas de destruição maciça; o excesso de população e a escassez de recursos.

Por isso, hoje, a sociedade dos indivíduos, em simbiose com a sociedade das máquinas, está no início de fazer uma nova descoberta.

A descoberta da sociedade do elogio da amizade entre as sociedades das partículas, das sociedades das moléculas orgânicas (seres vivos), das sociedades neuronais (psiche), das sociedades dos indivíduos e das sociedades das máquinas para que a criação prossiga e quem sabe, talvez um dia, daqui a biliões de anos e num lugar distante deste de biliões de anos de luz se faça a última descoberta. Essa descoberta será, certamente, a da **sociedade da sabedoria** que alguém programou quando disse às partículas  $W^+$ ,  $Z_0$ , etc. que duas delas não podiam estar no mesmo local no mesmo instante.

Grémio literário, 10 de Dezembro 1992

F. Carvalho Rodrigues

**Nota:** Publicamos este texto do nosso amigo Prof. Doutor F. Carvalho Rodrigues neste n.º de Roteiros do Natal de 1994 como mais uma achega natalícia como devemos "Caminhar pela Paz", como "Descobrir os Novos Caminhos da Paz" que nos levam até o Deus Menino de Belém". (P. Joaquim António de Aguiar)



## NATALE

*Anime addormentate  
svegliatevi.*

*E'giunta l'Aurora dell'Essere  
ignaro d'Eternità.*

*Il Carro del Sole  
è uscito dalla Notte,  
da sempre in attesa  
e che, a illuminare  
gli eventi futuri  
è discesa.*

*Proseguirà il suo cammino  
nel Tempo dell' Infinito  
che ogni scia ne cancella,  
per donare un'altra Aurora  
a chi, nel sonno dell'Essere,  
riuscirà ancora  
a sognare una Stella.*

Aurelia Bernucci Attili, 1991

# UMA MENSAGEM PARA NATAL

(continuação da pág. 1)

tes, estavam faz séculos habituados a relações de recíproca tolerância.» O incitamento à necessidade de «perdoar e pedir perdão» foi, todavia, respondido pelo silêncio da vastíssima audiência de 500 mil cristãos, sinal da gravidade das feridas que atingiram a comunidade dos crentes, desorientados entre a fé e a cólera, talvez esperando mais do milagre, do que da razão. E, todavia, era da mensagem de Assis de 1986, confiante nos «homens de religião» que participaram nesse diálogo, que decorria a esperança de as portas não ficarem fechadas ao apelo. Uma confiança reforçada na reunião dos Amigos de Deus, que decorreu em 9 e 10 de Janeiro de 1993, também em Assis, e onde a Europa serviu particularmente de tema para diálogo das várias religiões, com desígnios reforçados pela queda do Muro em 1989. A

perplexidade dos crentes silenciosos perante o apelo do Pastor, e a intransigência que não permitiu abrir a porta à qual batia o peregrino, não diminuiu o significado do gesto praticado, nem impediu que o poder dos que não têm poder, como disse Havel, num dos passos históricos do processo geral em curso, tenha reforçado a linha em que se inscrevem nomes como dos bispos Prieto Rossano, Reitor da Universidade Lateranense, do Cardeal Macharski de Cracóvia, de Gorbachev, do padre Giulio Barretoni do Sa-



CAVES DA

Montanha

A. HENRIQUES & C.

SEDE EM: ANADIA — PORTUGAL

Teleg.: Montanha

Telefs 52260 e 52615

Telex 53081

Apartado 18

3781 ANADIA CODEX



«A. HENRIQUES» — O REI DOS ESPUMANTES

7 CONCURSOS DA J. N. V. = 7 MEDALHAS DE OURO |

CONCURSO DE BUCARESTE = 1 MEDALHA DE OURO |

CONCURSO DE BRATISLAVA (1971) = 1 MEDALHA «OR» |

Concurso de Bratislava (1975) = 1 MEDALHA «GRAND OR» |

CONCURSO DE MILAO (1978) = 2 MEDALHAS DE OURO |



Espumantes Naturais - Vinhos do Porto - Licores Superfinos  
Brandies - Aperitivos - Vinhos de Mesa

cro Convento de São Francisco, da Comunidade de S. Egídio. Esta, na mesma semana de Setembro, entre 11 e 13, realizou em Assis o seu VIII Encontro Internacional Homens e Religiões, no qual, com Moçambique e os seus bispos e forças políticas presentes, a mensagem que batia à porta de Sarajevo era apoiada pelos representantes das várias confissões que todas aderiam ao conceito de João XXIII (4 de Outubro de 1962) — «Cidade Santa de Assis, renomada em todo o mundo», e à declaração de João Paulo II (10 de Junho de 1993) — «Francisco é necessário para a Igreja e

para o mundo». Nisto se congregaram, nesse novo encontro, o primaz da Polónia, Josef Glomp, o secretário-geral da ONU, Butros Ghali, o patriarca da Igreja Copta da Etiópia, Abuna Paluos, o presidente da Conferência dos Rabinos europeus, René Samuel Sirat, o Secretário-geral da Academia de Direito Islâmico de Jeddah, Habib Belkhodja, o Presidente da República de Portugal, acompanhados por milhares de pessoas que se dirigiam à Cidade Santa apenas para dar testemunho. No dia 11 de Setembro, foram ainda divulgadas as conclusões da Conferência das Nações Unidas sobre População e Desenvolvimento, avultando entre elas a de que, em nenhum caso, o aborto poderá ser um método de planificação familiar. Uma questão que, nos noticiários mais escutados, pareceu tender para desmerecer todos os outros pontos da agenda, com acento tónico no afirmado facto do isolamento da Santa Sé, porque esta se mantinha intransigente na condenação. Ao contrário, o que se verificou foi o alinhamento de uma vasta área de países, alguns dos mais populosos do mundo, no sentido de apoiar a nova orientação, sustentada por uma instância que não tem interesses políticos, económicos ou ideológicos

envolvidos no tema, movendo-se apenas numa plataforma ética. De novo a convergência das Confissões, em que a coincidência do islão parece mais comentada em termos políticos impertinentes do que nos termos éticos em que se situa uma percepção reforçada pela geral posição sul-americana. De facto aquilo que pareceu revigorado foi o princípio de que a resposta do desafio demográfico é o desenvolvimento. A desastrada mensagem americana, tal como parece ter sido geralmente entendida, apareceu submissa à regra de que os povos ricos tendem para ser mais ricos e os pobres para ter mais filhos, querendo atalhar a este último facto, considerando ameaçador, sem, como diria o professor Giuseppe Campione, ter em conta as escalas valorativas das populações de geografia da fome.

Em 1994, tal como já aconteceu na Conferência de 1974, a questão identificada é a do desenvolvimento. Mas é de novo uma mensagem dos que não têm poder.

E, por isso, também o apelo à intervenção responsável da comunidade internacional, feita pelos que convergiram na Mensagem de Assis. Tudo numa semana em Setembro de 1994.

## SAUDADE

*O termo sentimento que me invade  
E me recorda a minha meninice,  
Natais, na aldeia e na cidade,  
Vividos em família, com meiguice;*

*Gratas recordações da faculdade,  
Professores, amigos, na velhice,  
Eis o que chamar-se deve "Saudade",  
Qu'eu sofro na segunda criancice.*

*Mais um Natal, outro ano que passou  
Lembrando-me a Casa dos Penedos  
E a Mãe querida que o Senhor levou!*

*É tarde, já anoitece, é o fim!  
Anos que faltam contam-se p'los dedos.  
Que Deus me aguarde, lá, no Seu Jardim.*

(H.B.R.)

Lisboa, 24 de Dezembro de 1991.



Rua Rosa Araújo, 49-A — 1200 LISBOA  
Telef. 352 24 69 — Telefax 42754 Acptur P  
Fax 540903

FILIAIS:

Shopping Center de Lisboa (Amoreiras), Loja 1122  
Telef. 387 22 88 — Telefax 64888 Acpamo P  
Lic. Op. Tur. DGT n.º 378  
Fax 691442

Rua Santa Catarina, 848/852 — 4000 PORTO  
Telefs. 200 24 99 — 200 25 00  
Telex 27133 Acptu P  
Fax 200 25 02



**O atendimento  
mais acolhedor**



**o serviço mais eficiente**

# CARTA DE POGGIO BRACCIOLINI AO INFANTE D. HENRIQUE

A Henrique, duque de Viseu

Se acaso te parece espantoso, ó egrégio príncipe, que eu, um homem de ti desconhecido e pela lonjura apartado, tenha assumida esta tarefa, na aparência supérflua, de te escrever, desejaria eu que atribuísse o facto à tua valia, a qual, de tão longe e largamente difundida, me impeliu e me dispôs o ânimo a que te exortasse com as minhas palavras àquilo que tu, de tua espontânea vontade e sem precisão de qualquer instigador, segundo vejo, já prossegues.

É um preceito de Cícero, com efeito, que a coragem tem tal valor que aos que por ela se distinguem, posto que jamais os tenha visto, devemos ter-lhes particular afeição.

Do mesmo modo, pois, que aqueles que no estádio se batem na corrida, são bastas vezes incitados pelo clamor de quantos aplaudem, assim também eu, com a minha exortação, embora haja de ser breve, estou confiante de que hei-de conseguir incitar-me, sequer, um pouco, e mover-te o ânimo a prosseguir aqueles feitos que encetaste sem impulso de quem quer que fosse, para além da invulgar coragem da tua própria alma.

São bem merecedores de realce aqueles que, confiados no seu engenho, como a ti sucedeu, se entregam à prática de feitos de valor, mas eles próprios conferem maior grandeza ainda à sua glória, se não desprezam ou enjeitam os conselhos daqueles cujas palavras são persuadidos à preservação na virtude.

Há largo tempo já que tenho ouvido de muitos Portugueses a mim ligados por laços de amizade aos questionar sobre os teus feitos, que tu, movido por uma certa grandeza de alma e impellido como que por um estímulo de coragem, te fizeste ao mar, com umas quantas trirremes, ao longo das mais remotas praias do mar oceano; e que nele avançaste até onde ninguém de entre os antigos, nem imperador nem rei, ouvimos contar ou ler que tivesse penetrado.

Dizem, de facto, que passaste para além do meridiano de África e que chegaste, mesmo, até aos territórios etíopes.

Tais feitos são, não apenas merecedores de admiração, em razão da enorme violência do mar oceano e das furibundas vagas das tempestades, como também dignos de ser celebrados com universal júbilo, graças à novidade das coisas que tais partes são traduzidas.

Coisa gloriosa deve parecer, por certo, que tu, apenas, possuísses tamanho ânimo e tamanha coragem e sabedoria, que aquilo a que ninguém até hoje ousou abalançar-se ou experimentar — mares ignorados, regiões nunca antes visitadas, nações desconhecidas e selvagens, gentes bárbaras, postas nos mais remotos confins, fora do alcance do ano e do sol, para onde ninguém antes desvendara o caminho — que só tu, contra elas, em combate naval, tivesses investido; e que muitos, até, tivesses trazido cativos.

Grande expedição, sem dúvida, e merecedora de enorme louvor.

Que pode, enfim, haver de mais notável do que possúres tão grande robustez e largura de ânimo que praias inacessíveis, um mar tempestuoso, nações bárbaras, alheias a qualquer espécie de culto, tenhas ousado, não apenas atingi-los, o que, já por si, é próprio de grande sabedoria, como também, pela força das armas, volvido em primeiro de entre todos os povos, triunfar sobre eles?



Se são bastas vezes, de facto, enaltecidos os efeitos daqueles que fazem guerra aos povos vizinhos, quando mais não são de exaltar aquelas façanhas que são cometidas contra nações apartadas e alongadas por tão enorme extensão de mar e de terra!...

Alexandre da Macedónia deslumbrou o orbe terrestre com as suas vitórias; mas alcançou províncias e lugares aonde muitos já antes haviam chegado. A tua



coragem, porém, estendeu-se àquelas regiões do mundo que ninguém, antes de ti, se lê ter atingido.

César submeteu as Gálias, dominou a Bretanha, investiu contra a Germânia; mas subjugou com seus exercitos províncias, em parte conhecidas e em parte vizinhas do império romano. A tua armada, porém, contornou aquelas partes que nem eram conhecidas nem de fácil acesso e que, devido ao pavor do mar e das gentes bárbaras, eram olhadas com receio pelos navegantes.

Mas todas as dificuldades, todas as canseiras, todos os perigos, a tua robustez de coração os ultrapassou e levou a cabo façanhas que não-de proporcionar-te eterna glória.

O mui sábio e mui valente príncipe de Portugal em dias de antanho, o teu pai, esta herança te legou, a mais excelsa de todas: pegar em armas contra infiéis. Ele mesmo dotado de singular coragem de alma, enquanto os restantes reis da Cristandade se entretinham na salvação dos fiéis, ele, sozinho, graças a uma invulgar valentia [A leitura dos Monumenta Henricina regista virtutis, em vez de uirtute, solução pouco aceitável e dificilmente intelegível], avançou sobre a ameaçadora África, com poderosa armada e depois de desbaratar os inimigos, tomou de assalto pela força, Ceuta, cidade marítima e mui-populosa que se conserva ainda, até agora, em vossas mãos, adentro das goelas dos Sarracenos.

Ao imitares estes feitos do teu gloriosíssimo pai, tu assumiste-te como herdeiro designado, não só da parte respeitante ao reino, mas também à honra e a fama da glória paterna, acrescida de tu das obras, tu a confiaste aos teus vindouros.

Mas porque tais acções parecem como que primícias de outras futuras, para aqueles que de ti esperam mais altos cometimentos, eu exorto a tua superior majestade a que de forma alguma te deixes repousar sobre os feitos alcançados, mas que consideres, antes, que alguns mais altos se levantam, cujas palma e vitória te estão reservadas.

Nem deve, portanto, a tua coragem contentar-se com as obras que encetaste, mas encaminhar todos os teus cuidados, todos os pensamentos, todas as forças, para a submissão desses povos; do triunfo sobre eles decorre a exaltação por parte dos homens e aprestam-se os prémios junto de Deus sempiterno.

A missão de um príncipe cristão deve ser, enfim, voltar os seus exercitos contra os infiéis, contra os heréticos, contra os inimigos da fé, preservar o sangue dos fiéis a Cristo. Os que assim procedem tornam-se insignes pela piedade e pela glória.

E se tu, do mesmo modo que começaste, pretenderes prosseguir, os restantes príncipes, tu os hás-de exceder pela fama e pela glória dos feitos alcançados.

Tradução de Carlos Ascenso André baseada na versão latina publicada in *Monumenta Henricina*, Coimbra, Comissão Executiva das Comemorações do V Centenário in Infante D. Henrique, vol. IX, 1968, pp. 299-303.

Encontra-se também em Poggio Bracciolini, *lettere*, III, a cura di Helene Harth, Florença, 1987, pp. 88-90.

## INSTITUTO D. JOÃO DE CASTRO

boletim informativo trimestral  
N.º de Registo 112 874

### Direcção

António Maria M. Pinheiro Torres  
(Secretário-Geral do IDJC)

### Redacção

Sede do Instituto  
R. da Madalena, 225 — 3.º Dto.  
1100 LISBOA  
Telef. 886 01 25

### Propriedade

Instituto Dom João de Castro  
N.º 212 873

### Difusão

Pedidos à Redacção

Fotocomp. e imp. na Minigráfica — Coop. de Artes Gráficas, CRL.  
Rua da Alegria, 30 — Telef. 346 47 20 — 1200 LISBOA

DEP. LEGAL N.º 18 70287



## HOTEL ROMA

\* \* \*

AVENIDA DE ROMA, 33 — 1700 LISBOA  
END. TELEG. - ROMATEL — TELEX 16586 P  
TELEFONE 76 77 61 (10 LINHAS)

### EM FATIMA:

\* \* \*

#### HOTEL SANTA MARIA

Rua de Santo António  
Telefs. (049) 51015/51025 — Telex 43108

#### HOTEL DOM JOSÉ

Av. D. José Alves Correia da Silva  
Telefs (049) 52215/52225 — Telex 43278

# CARTA DA PAZ

DIRIGIDA À O.N.U.

Amigos,

A maioria das pessoas deseja a paz no mais íntimo do seu ser. No entanto, constatamos diariamente que existem trágicas e contínuas quebras de paz entre os vários povos do mundo. A tarefa de encontrar soluções adequadas para alcançá-la não é fácil; são muitos os obstáculos.

Esta Carta pretende indicar alguns princípios que possam ajudar a superar estes obstáculos e, ao mesmo tempo, oferecer alguns parâmetros para a construção de uma paz mais sólida:

I. Nós, os contemporâneos, não temos culpa dos males ocorridos na História, pela simples razão de que não existíamos.

II. Porquê, pois, alimentar ressentimentos uns contra os outros se nós temos qualquer responsabilidade do ocorrido na História?

III. Eliminados estes absurdos ressentimentos, porque não ser amigos e poder assim trabalhar em conjunto para construirmos globalmente um mundo mais solidário e gratificante para nós e para os nossos filhos?

IV. Não podemos retrocer na História nem modificá-la. E sabemos que, se a História tivesse sido diferente — melhor ou pior —, o futuro seria também diferente. Se, no decorrer dos tempos, outros acontecimentos tivessem ocorrido, teriam nascido outras pessoas, nós não. Nenhum, dos que hoje têm a sorte de existir, existiria. Isto não quer dizer que os males desencadeados pelos nossos antepassados não tenham sido males reais. Censuramo-los, repudiamos-los e não os queremos repetir.

V. Nós, seres humanos, só pelo facto de existirmos, mantermos uma relação fundamental: somos irmãos na existência. Entender essa fraternidade primordial na existência tornar-nos-á mais facilmente solidários, abrindo-nos à sociedade.

VI. Para construir uma sociedade estruturada na paz, é perigoso organizar novas estruturas, que se julgam oportunas, sobre as antigas, fruto do decorrer da História, que no seu tempo se consideravam adequadas.

As novas estruturas fundam-se mais solidamente sobre unidades naturais: países, regiões, etnias, etc.; evitando o risco de estas se fecharem sobre si, o que leva quase sempre a conflitos de toda a espécie e até mesmo a guerras.

VII. O homem é um ser livre, inteligente e capaz de amar. O amor não se pode impor nem obrigar; ou surge livremente ou não é autêntico. Sempre que violentamos a liberdade de alguém, estamos a impedir que essa pessoa nos possa amar. Portanto, defender, favorecer e desenvolver a liberdade dos indivíduos que encerra em si uma dimensão social, é favorecer o entendimento entre as pessoas, podendo assim construir melhor paz.

VIII. Muitas instituições transcendem as épocas. Os legítimos representantes actuais dessas instituições que perduram não são, certamente, responsáveis pelo que sucedeu no passado, pois eles não existiam. Mas devem, lamentar, quando for oportuno, os males e injustiças que os membros e os legítimos representantes dessas instituições cometerem ao longo da História e reparar, na medida do possível, os danos causados.

IX. Os progenitores são responsáveis por terem dado a existência a outros seres. Por isso, com a colaboração

da sociedade, devem proporcionar aos seus filhos os meios para que vivam com a dignidade humana, já que estes não pediram para existir. Os jovens devem ser motivados e entusiasmados pelos pais, família e sociedade para investigar as ciências, melhorar a técnica e contribuir com o seu trabalho para a organização mais perfeita deste mundo.

É evidente que não se poderá construir a paz enquanto, no seio da sociedade e até nas famílias, existir desprezo para com grande parte daqueles que a constituem: mulheres, crianças e grupos marginalizados. Pelo contrário, o melhor caminho para a paz é reconhecer e respeitar a sua dignidade e direitos.

X. Actualmente, a maioria dos países reconhece que todos temos o direito de pensar, de nos expressar e agrupar livremente, respeitando sempre os direitos dos outros. E cada ser humano tem, igualmente, o direito de viver a sua vida neste mundo de um modo coerente com o seu pensamento.

As democracias têm de dar um salto qualitativo para defender e proporcionar a todas as pessoas o direito de viver de acordo com a sua consciência, sem nunca atentar contra a liberdade de alguém, nem provocar prejuízo aos outros ou a si próprio.

Sem ressentimentos, a partir da liberdade e da amizade, pode construir-se a paz.

Obrigado amigos...

N.R. — Esta carta não é fruto de nenhuma ideologia política. Baseia-se na evidência.

Foi assinada por muitas instituições e por muitas personalidades do mundo da cultura, da indústria e de outros muitos sectores da sociedade de 30 países entre eles, Portugal.



# A FAMÍLIA

TRADUÇÃO DO TEMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O AIF 1994

## Verso 1:

Em todo o mundo  
Cada um  
É filha de alguém  
Ou filho de alguém.  
E nós vivemos e crescemos  
Tão bem quanto possível  
Começa no nascimento  
O sentido do nosso valor  
Começa na família

## Refrão 1:

A família,  
A minha família,  
Aprendendo a viver em harmonia

Aprendendo a amar  
Aprendendo a partilhar  
Aprendendo a contar com o carinho de alguém!

Respeitando cada um  
Cada um sentindo-se livre  
Tudo começa na família!

## Verso 2:

Em todo o mundo  
Cada um  
É filha de alguém  
Ou filho de alguém  
E vivemos e crescemos  
Tão bem quanto possível,  
Cada um aqui  
Vive em amor ou ansiedade  
por causa da nossa família

## Refrão 2:

A família  
A minha família,  
Aprendendo a viver em harmonia

Aprendendo a confiar,  
Aprendendo o que é certo  
Aprendendo novas vias para comunicar, não para  
lutar.  
Protegendo-se uns aos outros  
Cada um se sentindo livre  
Tudo começa na família!  
A Família!

## Verso 3:

Em todo o mundo  
Nós estamos contentes  
Por sermos mãe de alguém  
Ou pai de alguém  
E encontramos uma nova ocasião  
Para olhar e para ver  
Como todos aqui  
Aprendem a amar e a respeitar,  
Tudo começa na família

## Refrão 3:

A família  
A família  
Aprendendo a viver em harmonia

Aprendendo a mudar  
Aprendendo por fim  
A não repetir  
Os erros do passado

Influindo uns nos outros  
Todos se sentem livres  
Tudo começa na família  
Família

Minha família  
Todos nós vivemos em harmonia,  
Igualdade,  
Todos ganham,  
Tudo começa  
Na família,  
A família

O mundo, um mundo de famílias  
Com toda a espécie de sons e melodias  
Famílias,  
E todos podemos estar em harmonia  
Tudo começa na família,  
A família  
Em harmonia  
Tudo começa na família,  
A família!

Em harmonia!  
Tudo começa na família,  
A família!  
Em harmonia!  
A família!  
Em harmonia!  
A família!

Em harmonia!  
A família!

## VIDA DO INSTITUTO

As atenções da Direcção do Instituto têm-se dirigido para as obras da nova sede, situada na Rua D. Francisco Almeida, 49 - (Restelo) 1400 LISBOA.

Podemos comunicar aos nossos sócios e amigos que as obras da nova sede estarão prontas para o p. Natal, se não aparecer qualquer imprevisto.

Solicitamos que toda a correspondência a partir do Natal seja enviada para a nova sede do Instituto, onde teremos a funcionar os nossos serviços de Secretaria e Direcção.

Publicamos neste n.º de Roteiros duas fotos da nova sede ainda em obras: as fachadas principal e a posterior, que dá para o Jardim.

A nova sede, além dos Gabinetes para os serviços de Secretaria, Direcção e Presidência da Assembleia de Sócios Fundadores, disporá de uma sala para Cursos e duma outra sala para Colóquios e outras actividades culturais.

Lisboa, 30 de Novembro de 1994



*Vista da fachada posterior que dá para o jardim*



*Fachada principal que dá para a Rua D. Francisco de Almeida*